

LITERATURA DE CORDEL E A SALA DE AULA: DA BNCC AO LIVRO DIDÁTICO¹

Cordel literature and the classroom: from the BNCC to the textbook

Ester vitória Alves dos Santos ²

Orientador Flaviano Maciel Vieira²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o espaço da literatura de Cordel na sala de aula, por meio da sua inserção no Livro Didático, a partir da análise de parte de uma unidade do livro *Português Linguagens*, de William Cereja e Carolina Dias Vianna (2015), destinado a alunos do 7º ano do ensino fundamental. Buscou-se também averiguar se os aspectos contemplados encontram-se em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e se as abordagens utilizadas são suficientes para um ensino eficaz da literatura popular de Cordel. Para isso, foram utilizados como base teórica as perspectivas sobre o ensino de literatura, a literatura popular e de cordel de autores como Cândido (1995), Lúcio e Pinheiro (2001), Santos (2016), Coutinho (2018), Pinheiro (2018). Além dessas, são apresentadas algumas proposições de Marinho e Pinheiro (2012) em relação ao trabalho com o Cordel na sala de aula, para avaliar as abordagens utilizadas no livro didático. Por fim, constatou-se que a literatura de cordel possui espaço nas salas de aula por meio do livro didático em questão e encontra-se em conformidade com as indicações da BNCC. Contudo, as metodologias utilizadas expressaram-se como insuficientes para a garantia de um ensino eficaz da literatura de cordel. Mesmo com a aparição de cordeis, a exposição e a prática da leitura são escassas, o que expõe uma defasagem na abordagem de ensino, tornando-a insuficiente para um trabalho efetivo dessa literatura em sala de aula.

Palavras-chave: Literatura de Cordel; Livro didático; Ensino.

SUMMARY

The present work aims to reflect on the space of Cordel's literature in the classroom, through its insertion in the Textbook, based on the analysis of part of a unit of the book *Português Linguagens*,

¹ Trabalho de Conclusão de Curso da UFPE.

² Estudante Ester Vitória Alves dos Santos. Graduanda do curso de Licenciatura em Letras-Português- Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: Ester.vitoria@ufpe.br

² Professor orientador Flaviano Maciel Vieira - Coordenador do departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco.

by William Cereja and Carolina Dias Vianna (2015), aimed at students in the 7th year of elementary school. We also sought to determine whether the aspects covered are in line with the National Common Curricular Base (BNCC) and whether the approaches used are sufficient for effective teaching of Cordel's popular literature. For this, perspectives on the teaching of literature, popular and cordel literature by authors such as Cândido (1995), Lúcio and Pinheiro (2001), Santos (2016), Coutinho (2018), Pinheiro (2018) were used as a theoretical basis. . In addition to these, some propositions from Marinho and Pinheiro (2012) are presented in relation to working with Cordel in the classroom, to evaluate the approaches used in the textbook. Finally, it was found that cordel literature has space in classrooms through the textbook in question and is in accordance with BNCC guidelines. However, the methodologies used were expressed as insufficient to guarantee effective teaching of cordel literature. Even with the appearance of cordels, exposure and reading practice are scarce, which exposes a gap in the teaching approach, making it insufficient for effective use of this literature in the classroom.

Keywords: Cordel Literature; Textbook; Teaching.

1 INTRODUÇÃO

A literatura popular, em suas distintas expressões, desempenha um papel crucial na preservação e propagação de manifestações culturais, literárias e históricas. Dentre as expressões pertencentes à literatura popular, a de cordel destaca-se por seu valor poético, sua habilidade de refletir e transmitir as vivências e tradições dos indivíduos que a produzem. O gênero literário em questão carrega consigo um valioso patrimônio cultural e histórico, tipificado por seus versos e rimas que exprimem a vivência e as tradições de muitos grupos sociais. Diante do exposto, compreende-se que a literatura de cordel propicia uma abordagem lúdica e poética, com competência para aguçar grande fascínio e empenho entre os leitores; portanto, possui substancial importância no contexto educacional. Torna-se, assim, imprescindível a integração adequada dessa manifestação literária ao currículo escolar.

Conforme declara Santos (2016), a literatura de cordel não restringe-se a oferecer apenas uma perspectiva da cultura popular brasileira; ela também destaca-se por proporcionar dinâmicas que levam a análises críticas e a compreensão das dinâmicas culturais e sociais. Posto isto, é válido salientar que a inserção dessa manifestação literária no ambiente educacional é, desse modo, uma chance para fomentar entre os discentes a exploração de suas ligações culturais. Nesse prisma, ao

inserir na sala de aula as narrativas do cordel, os educadores suscitam um ambiente de aprendizado mais significativo e que valoriza a diversidade literária e cultural.

No tocante ao contexto escolar, o livro didático ainda desempenha um papel crucial neste ambiente, servindo como um dos principais instrumentos de ensino. Por se tratar de um veículo didático bastante utilizado, é imprescindível investigar como a literatura popular é incorporada nas abordagens pedagógicas. Partindo do pressuposto de que sua inclusão nos manuais didáticos deve prezar pela devida valorização, é essencial garantir o contato integral e contextualizado, abarcando suas particularidades e especificidades; prezar também pelo contato com o texto de modo integral e contextualizado. Uma abordagem efetiva, cuidadosa e aprofundada é necessária para garantir aos alunos um contato significativo com o cordel.

Segundo Pinheiro (2007), os livros didáticos têm o poder de moldar a percepção dos alunos sobre literatura e cultura, servindo como um ponto de partida para a exploração e o atendimento de diferentes gêneros literários. No entanto, é imprescindível que essa inclusão transcenda uma simples menção e se traduza em uma metodologia didática que permita aos alunos interagir com o conteúdo de forma relevante.

À vista disso, o estudo de Santos (2016) destaca a importância de um planejamento curricular que integre a literatura de cordel de maneira consistente e abrangente, garantindo que os alunos possam apreciar e entender suas nuances. Além disso, segundo o autor, a prática pedagógica deve refletir o compromisso com a educação literária que respeita e valoriza as manifestações culturais locais. Apesar da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelecer diretrizes que enfatizam a necessidade de incluir a literatura popular no currículo escolar, sua efetiva aplicação também depende da forma como os livros didáticos abordam esses conteúdos.

Marinho e Pinheiro (2012) ressaltam que o cordel, quando tratado de maneira adequada, pode contribuir para uma educação literária que não apenas enriquece o conhecimento dos alunos, mas também os envolve em uma apreciação crítica das práticas culturais e sociais. Assim, abordar os pontos essenciais que o compõem nos livros didáticos é uma maneira de assegurar que o ensino seja condizente com as diretrizes curriculares e responda às necessidades educacionais dos estudantes, promovendo uma formação literária mais completa, inclusiva e agregadora.

Nesse contexto, a motivação para esta pesquisa surgiu a partir da observação da abordagem da literatura de cordel no guia didático “Português Linguagens” de William Cereja e Carolina Dias Vianna (2015), destinado a alunos do 7º ano do ensino fundamental. A reflexão acerca do método didático encontrado no livro levou-me à temática “A Literatura de Cordel e a Sala de Aula: da BNCC ao Livro Didático”. O objetivo principal que se perfaz nesta pesquisa é analisar a inserção do cordel no ambiente escolar, através da sua presença no livro didático, e identificar o modo como

ela vem sendo abordada, a fim de constatar se é suficiente para uma efetiva educação literária. E ainda averiguar se está em conformidade com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)³.

Diante disso, para a realização deste trabalho, por meio de uma pesquisa de natureza qualitativa e crítico-descritiva, realizou-se uma análise do livro em questão com o propósito de identificar se a literatura de cordel possui espaço adequado na sala de aula por meio desse instrumento. Assim, foi desenvolvida uma análise minuciosa de uma das unidades que aborda o tema, com o objetivo de compreender e avaliar se a literatura de cordel foi integrada de maneira efetiva, assim como se as abordagens utilizadas atendem às diretrizes da BNCC e se estão de acordo com as perspectivas propostas por autores especializados no assunto.

Para endossamento do *corpus*, esta pesquisa se fundamenta em critérios estabelecidos por Marinho e Pinheiro (2012) no que se refere ao tratamento da literatura de cordel, a fim de estabelecer uma opinião crítica acerca de como a temática está sendo abordada dentro do manual didático e constatar se é de fato eficaz. Os referidos autores, referências no assunto, enfatizam a importância de garantir que as metodologias, textos e as temáticas utilizadas sejam de fato eficazes e enriquecedoras. Para auxiliar neste trabalho, foram considerados os pontos destacados pelos autores sobre como não trabalhar o cordel em sala e as maneiras de explorar a temática respeitando suas especificidades.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), a literatura deve ser abordada com o propósito de proporcionar aos alunos uma compreensão ampla e crítica dos diversos gêneros e manifestações literárias. À vista disso, o estudo em questão utilizou-se do documento norteador como objeto de pesquisa para identificar o espaço do cordel no ambiente de ensino-aprendizagem, além de examinar as devidas orientações no que tange à inserção da temática no currículo.

Além do exame da teoria e das diretrizes, a pesquisa buscou, por fim, explorar como o gênero é trabalhado no livro didático “Português Linguagens”, analisando se ele proporciona um contato relevante e profundo com o gênero e se oferece espaço adequado para o estudo do cordel, no ensino em sala de aula.

³ A BNCC mostra-se como um importante documento a nível nacional, pois se propõe evidenciar conhecimentos, habilidades e competências. Ela mostra o que os alunos devem ter contato ao longo de todo o processo educativo, direcionando-os para que tenham uma formação inclusiva, democrática e justa, de modo integral.

Na prática, porém, isso não é exatamente o que se observa. A BNCC tem sido reavaliada a partir de questões políticas, mudanças de governo, entre outros fatores, passando por diversas interferências. Esse Processo traz um viés negativo, colocando o documento num lugar de desconfiança, uma vez que questões político-partidárias influenciaram seu processo construtivo. Embora a pesquisa não se aprofunde nesse debate, é importante mencioná-lo para ressaltar que, apesar de o documento ser usado ao longo da pesquisa, ele não tratado como um documento inquestionável ou livre de falhas.

O estudo baseou-se na análise de textos que continham a formação histórica da literatura de cordel e que abordavam a questão das práticas de ensino. Autores como Pinheiro e Lúcio (2001), Marinho e Pinheiro (2012), Santos (2016) compuseram o referencial teórico da pesquisa. No desfecho, o estudo exprimirá uma análise minuciosa dos dados coletados e discutirá as inferências dos resultados obtidos para o ensino da literatura de cordel. Assim, esta pesquisa busca contribuir para uma compreensão mais abrangente e adequada acerca da inserção da literatura de cordel na sala de aula através do livro didático. O intuito é promover um aprimoramento das práticas de educação literária, para que esse importante elemento da literatura e cultura brasileira possa ocupar o devido espaço no ambiente escolar.

1. O direito à literatura

Cândido (1995), em seu ensaio *O direito à literatura*, reconhece que existe o direito humano à literatura em seu sentido amplo, pois negar que se desfrute das experiências promovidas por ela e impedir que a literatura tenha seu espaço, é mutilar a humanidade.

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (Cândido, 1995, p. 14).

Ele ressalta a importância do contato com a fruição literária, apontando-a como uma produção que humaniza os seres humanos, pois os textos são compostos por diversas oposições, que caracteriza-se também como bem e mal. Cândido (1995) traz que a literatura confirma, nega, apoia e denuncia, propõe e combate, fornecendo a possibilidade de viver-se dialeticamente os problemas. Essa contradição da natureza humana que manifesta-se em diferentes esferas acaba por humanizar o leitor, pois faz com que ele viva através do que está sendo exposto, mesmo que por meio do texto, uma experiência que pode transformá-lo.

A humanização relatada pelo autor, que ele destaca como sendo uma das grandes funções da literatura, caracteriza-se em seus escritos como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, boa disposição para com o próximo, afinamento das emoções, capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso de beleza estética, que só a literatura é capaz de promover; percepção da complexidade do mundo e dos seres e ainda o cultivo do amor. O contato com a literatura torna os indivíduos, ainda segundo o autor supracitado, mais compreensivos e abertos para a natureza, sociedade e também para o semelhante. Diante de tantas proposições dispostas por Cândido (1995), seria um

desserviço não considerar a literatura como algo essencial ao contato humano, pois eles deixariam de vivenciar experiências bastante agregadoras e exitosas.

Cândido (2008), afirma que a literatura pode ser definida como todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, desde o folclore, lenda, até as formas mais complexas do que é produzido de maneira escrita das grandes civilizações, em todos os tipos de cultura e níveis de sociedade. Ela é uma manifestação de todos os homens em todos os tempos, de modo que não é possível, segundo o autor, haver homem que consiga viver sem a literatura, ou seja, sem que entre, durante qualquer momento das 24 horas do dia, em contato com qualquer espécie de fabulação ou com o universo fabuloso.

Assim como nos outros ambientes, a sala de aula não pode estar distanciada de um contato direto com a literatura, já que, por sua vez, ela é um instrumento poderoso de instrução, educação e incentivo para formação leitora. Falando do uso da literatura no ambiente escolar, Coutinho (2018) vai ressaltar que:

O ensino da arte literária é notável ao encantar e surpreender. Na sala de aula, opera-se um encontro de expectativas diversificadas. Os sujeitos se expõem ao impacto de um texto literário, que, por sua natureza signíca e artística, põe em suspensão sentidos usuais da realidade factual e fissura dessa realidade (COUTINHO, 2018, p.14).

Sabe-se que a escola, muitas vezes, torna-se o ambiente primário onde os indivíduos vão ter um contato mais direto com obras literárias, o que traz a ela uma grande responsabilidade, pois precisará atentar-se ao modo que as obras serão apresentadas ao público, já que, o contato inicial com as produções literárias, poderá direcionar toda uma apreciação ou desprezo pelo prazer da leitura.

Gilles Nascimento vai elencar que:

(...)Entretanto, muitos dos problemas, já percebidos desde a época citada, persistem no ensino de leitura literária. Infelizmente estes problemas viraram uma espécie de “avalanche”: os 21 meios utilizados pela escola e por materiais didáticos se repetem, deslizam da grande montanha com peso e massa, soterra o pequeno aprendiz e enterra o seu direito à literatura (NASCIMENTO, 2018, p.28).

Quando a escola permite que o contato do aluno com a literatura seja mecanicista, com a simples função de preencher uma ficha de leitura, a exemplo, ela falha em seu papel formador, pois, permite que os indivíduos não experimentem a literatura de modo integral, que pode manifestar-se como divertida e apta a promover experiências de afetação e transformação, como cita Cândido (2008) em suas obras.

Quando o acesso e incentivo a leitura de literatura são valorizados e tornam-se alvo de políticas de incentivo no ambiente escolar, há uma educação literária mais efetiva e exitosa, melhorando a qualidade da formação de leitores. O leitor literário é formado através da junção de

vários fatores, e quando as experiências em sala de aula são limitadoras, o aluno é privado de perceber no texto um poderoso material de conhecimento e deleite. Quando não se tem a valorização adequada, eles são levados a acreditar que obras não são relevantes para sua formação pessoal enquanto indivíduos, pois tratam-se de ficção, ficando assim em segundo plano.

Se a escola não valoriza a literatura nem a coloca como um instrumento de grande valor educacional e digno de grande apreciação, esse cenário será reproduzido pelos alunos que passarão a não enxergar nela utilidade, perdendo uma importante oportunidade de formar, através do incentivo a leitura literária, leitores críticos e uma educação literária eficaz, o que também vai depender do tipo de abordagem usada, como destaca Nascimento:

Tal instituição formadora se propõe muitas vezes a apresentar a leitura literária ao educando de forma ora solta, ora impositiva. Esta situação é conflituosa, pois pensar que o discente vai atingir a compreensão global do texto através da simples leitura – sem objetivos, sem a reflexão, o debate e a intermediação em sala de aula com o auxílio do docente – pode colocá-lo em situação instável, fazendo-o gerar uma recusa futura ao texto(...)

Métodos como os que foram citados pelo autor acima, agregam valores negativos, pois, acabam por criar para os alunos que a aula de literatura é ler textos para responder as fichas de atividades que serão entregues em seguida. tais métodos já são apresentados em diversas pesquisas acadêmicas como infuncionais para uma educação literária efetiva, pois negligencia os valores e as individualidades das obras trabalhadas e provocam o afastamento do discente das obras literárias.[...] a leitura é trabalhada no espaço escolar tendo como objetivo final alguma estratégia de avaliação, o que coloca o aluno diante de uma tarefa árdua: é preciso ler para fazer exercícios, provas, fichas de leitura, resumos, enfim, o ato de ler visa cumprir tarefas escolares.

[...] a escola parece não estimular a função interativa das práticas de leitura, ao privilegiar atividades que desmotivam o aluno e provocam a aversão dos educandos ao mundo dos livros (Silva *apud* NASCIMENTO, 2019, p.29).

A literatura deve estar presente de forma significativa nos ambientes escolares, como já discutido acima, Porém não apenas literaturas seletas e canônicas. Dentro do vasto campo das obras literárias, a literatura popular é parte importante e constituinte. De acordo com Santos (2016), ela oferece aos alunos uma oportunidade única de conexão com suas raízes culturais e históricas. Segundo Aguiar e Silva (1994 *apud* SANTOS, 2016, p.20) por ‘literatura popular’ entendemos “aquela literatura que exprime, de modo espontâneo e natural, na sua profunda genuinidade, o espírito nacional de um povo, tal como aparece modelado na peculiaridade das suas crenças, dos seus valores tradicionais e do seu viver histórico”.

A literatura popular é caracterizada por sua acessibilidade e sua capacidade de ressoar com o público em um nível intrinsecamente pessoal e cultural. Ela abrange uma vasta gama de manifestações, como os contos, mitos, lendas, canções populares e etc., que são transmitidas de geração em geração. A característica fundamental dessa literatura reside na oralidade e em sua natureza participativa, onde estão presentes o ato de contar e recontar histórias ao longo do tempo.

Em sua essência, a literatura popular serve como veículo de disseminação e preservação das tradições culturais, valores morais de determinadas culturas e visões de mundo. Ela não se restringe a um instrumento de entretenimento; ela desempenha um importante papel nos eixos educativo, social e cultural: “A poesia popular[...] retrata e põe em questão diferentes aspectos da sociedade e pode funcionar, como qualquer outra literatura, como instrumento de deleite e reflexão” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, P.83). Ela fornece reflexões sobre as condições humanas, instigando o prazer pela leitura, escuta e apreciação de diversas manifestações literárias e culturais, que se mantêm relevantes ao longo do tempo.

Dentro do vasto campo da literatura popular, a literatura de cordel destaca-se como uma manifestação literária rica e emblemática, sobretudo no Brasil. Ela é marcada por suas rimas e métricas cuidadosamente trabalhadas, que são empregadas para transmitir histórias de modo cativante e memorável. Muitas vezes, os folhetos são produzidos de modo artesanal, são elaborados com xilogravuras que remetem à narrativa, conferindo-lhe um caráter visual que agrega na experiência leitora. A literatura de cordel reflete a diversidade cultural e a vivacidade da experiência popular. Por isso, é necessário reconhecer o direito dos alunos ao contato com a literatura popular e, especificamente, com o cordel. Com isso, o sistema educacional acaba promovendo um engajamento mais profundo e uma apreciação crítica da cultura.

O direito pleno à literatura implica em garantir que os alunos tenham a inserção da literatura popular e de cordel dentro de seu currículo. Santos (2016) destaca que a inclusão da literatura de cordel no currículo escolar não deve ser meramente simbólica, mas deve se traduzir em uma abordagem didática que permita aos alunos interagir de maneira significativa com o conteúdo. É preciso dar enfoque ao modo como essa literatura vem sendo apresentada, prezando por abordagens que valorizem aquilo que há de melhor no ensino literário e não distanciem os alunos, que não a transforme em fardo, mas em algo prazeroso, que instiga o prazer no amplo contato e estimule à fruição literária.

2. A Literatura de Cordel no contexto Escolar: Direitos, Diretrizes e Práticas Didáticas

2.1 A literatura de cordel

A Literatura de Cordel, segundo Haurélio (2015), tem sua origem em um passado bastante longínquo, situado na Idade Média, entre os séculos V e XVII. De acordo com os historiadores, não existe uma precisão quanto ao seu surgimento, mas possivelmente sucedeu-se em Portugal. Sua

aparição, segundo algumas tradições, remete ao trovadorismo, com as primeiras manifestações da poesia popular para serem cantadas.

Esses escritos foram propagados pela imprensa, como ficou notório em países europeus, como Portugal. Traçando uma análise histórica acerca da literatura de cordel, Diegues (1973) diz que ela, em seu início, teve como fundamento a divulgação de narrativas de velhas épocas, histórias tradicionais, transmitindo memórias populares, como o amor, guerras, aspectos do cotidiano, romances ou novelas, por exemplo.

Ao longo de toda a história, viajantes levaram consigo suas crenças, culturas, manifestações culturais, artísticas etc. Os folhetins, que mais à frente se convencionou chamar Literatura de Cordel, têm sua chegada ao Brasil mediante estrangeiros que se estabeleceram no país e trouxeram o começo do que posteriormente evoluiria para um ponto importante da literatura e cultura brasileira, como mostra Haurélio:

A Literatura de Cordel, ou o seu substrato, chegou ao Brasil ou à terra que depois seria assim denominada - a bordo das primeiras caravelas. É próprio do homem, em seu constante deslocamento geográfico, levar consigo, além dos conhecimentos que lhe garantam a sobrevivência, a sua cultura (HAURÉLIO, 2015, p.14).

Segundo o autor, o que subsequentemente se tornaria a literatura de Cordel foi introduzida pelos colonizadores e disseminada nos locais por onde passavam. O que hoje é conhecido como Cordel, nem sempre teve essa nomenclatura; no Brasil, os termos Literatura de Cordel Portuguesa e Literatura de Folhetos Nordestinos eram antes utilizados. É válido destacar que, recentemente, o termo Literatura de Cordel no Brasil foi trazido por pesquisadores, pois, durante muito tempo, poetas e editores escreviam folhetos e assim os chamavam, mas o uso do termo Cordel se generalizou, e hoje os próprios poetas se identificam como cordelistas, de acordo com Marinho e Pinheiro (2012).

Segundo Batista (1997), foi no Nordeste Brasileiro que ela encontrou lugar para fincar raízes e se expandir, de tal modo que a Literatura de cordel tornou-se até hodiernamente parte constituinte das tradições culturais da região, produzindo sempre versos carregados de uma cultura viva, capaz de impactar ambientes, como o educacional, por meio das suas histórias diversas produzidas em sextilhas, setilhas e em décimas com rimas ao longo de seus folhetos sequenciados.

Segundo Marinho e Pinheiro (2012), no país, o Cordel também é conhecido como poesia popular em verso e contempla as mais variadas temáticas, a exemplo: histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores. O aparecimento de bandos de cangaceiros, as secas periódicas, a organização social

elitista e patriarcal foram alguns dos assuntos que ganharam bastante notoriedade nos versos. Devido a essas e outras condições sociais e às tradições culturais peculiares, passou-se a ser vista de modo marginalizado e atribuído como arte popular, pouco valorizado pelas camadas sociais de mais prestígio diante da sociedade.

Com o passar do tempo, as obras ganharam espaço, principalmente na região Nordeste, pois sua propagação funcionava como uma das maneiras de se obter informações sobre os acontecimentos recentes.

O folheto de época é o jornal dos que não lêem jornais no interior nordestino ou mesmo daqueles que, já informados, são adeptos da poesia. É intermediário para um amplo processo de comunicação que, sem ele, em muitos casos, não se completa. Ajuda a integrar à vida nacional comunidades que não foram ainda devidamente atingidas pelos modernos veículos de comunicação (NOBLAT *apud* ASSUNÇÃO, 2007, p.13).

No século XIX a literatura de Cordel ganhou grande destaque entre os cidadãos, pois tornou-se um meio de comunicação significativo entre a população, que tinha os seus olhos voltados para os acontecimentos marcantes da época, como a Guerra de Canudos. Os folhetos escritos narravam os eventos da guerra, enaltecendo Antônio Conselheiro e a resistência do povo sertanejo. Mais à frente, no século XX, autores bastante conhecidos da literatura de Cordel, como José Camelo de Melo e Leandro Gomes de Barros, passaram a incluir temáticas mais sérias nos folhetins, incorporando novos temas. Trazendo evidência para as questões sociais e políticas que surgiram na época. A amplitude dos assuntos nunca foi limitada, embora em alguns períodos algumas temáticas obtiveram maior destaque que outras. Mesmo com as variadas temáticas, a literatura de Cordel reflete as singularidades culturais do povo e desempenha um papel crucial na transmissão cultural, como destaca Haurélio (2015). O fato de serem produções de baixo custo, tornou as obras acessíveis à população. Inicialmente produzidos em tipografias de jornais, os cordeis logo passaram a ser impressos nas tipografias dos próprios poetas, facilitando sua disseminação.

2.2 A BNCC e a Literatura de Cordel

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que para as instituições de ensino é crucial conhecê-lo, afinal, ela é a base que direciona quais são os pontos principais de aprendizado. Ela funciona como um material que visa orientar os currículos específicos dos estabelecimentos de ensino, pois seu objetivo é evidenciar quais são as competências que devem ser trabalhadas ao longo de toda a Educação Básica.

O documento manifesta-se com o objetivo de se aproximar cada vez mais da realidade do discente, de modo que elenca habilidades e competências que consigam abranger diversas áreas do conhecimento. O trabalho com a literatura faz parte deste prisma, e é significativo elencar que a escola não deve restringir-se apenas às sugestões elencadas pela BNCC, porém, por se tratar de um documento normatizador, é necessário averiguar como ela está trabalhando suas habilidades em torno da temática.

Em uma análise no documento, a literatura foi citada dentro das 10 competências gerais da educação básica, sendo ela encontrada no terceiro ponto: *Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural*. Através dessa competência geral, vê-se o papel da escola como um ambiente oportuno às manifestações artístico-culturais. Dessa maneira, os discentes recebem a oportunidade de manter contato com a diversidade das expressões culturais das diversas regiões do país, dentro da escola, ampliando, assim, o contato com a pluralidade das manifestações literárias, o que é bastante fomentador ao processo de ensino-aprendizagem.

A escola desempenha um papel fundamental na formação literária dos discentes. Ela, por sua vez, é regida por documentos oficiais normatizadores, que delegam orientações sobre quais assuntos devem ser abordados no ambiente escolar. É de interesse da atual pesquisa saber como a literatura de cordel, que é um ramo dentro da literatura, é trabalhada no contexto educacional. Sabendo que a BNCC acaba permeando todas as instituições de ensino do país, torna-se necessário explorar como esse documento se posiciona acerca da literatura popular nesses ambientes.

Para isso, o documento já citado será utilizado para avaliar as considerações presentes sobre o tema. Os comentários a seguir pretendem focar no que se encontra na BNCC de língua portuguesa para os ciclos finais do fundamental, pois contempla o nível de escolarização (sétimo ano do ensino fundamental) adotado para realização da pesquisa, buscando analisar de forma crítica o espaço deixado a literatura de cordel para ser trabalhada em sala de aula.

Marinho e Pinheiro (2012, p. 7) vão afirmar que “[é preciso] abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura de cordel, e a literatura popular como um todo, é uma conquista da maior importância”, já se sabe que essa literatura trata-se de algo que compõe a identidade cultural do Brasil e possui alto valor literário. Sobre esse viés da literatura de cunho popular, a base nacional comum curricular (BNCC), expõe de forma tímida e superficial pontuações que podem se relacionar ao assunto.

EF69LP44: Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e

considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018, p. 153).

É possível notar que a BNCC do Brasil não menciona particularmente a literatura de cordel em um tópico específico, entretanto ela abrange a literatura de modo generalizado, incentivando o ensino literário a partir de variadas formas de expressão, o que implica dizer que abre-se um espaço para abordar a literatura popular regional, da qual o cordel faz parte. No documento, especialmente nos componentes curriculares de língua portuguesa, são enfatizados a valorização da diversidade cultural e também a inclusão de diferentes gêneros de tradições literárias.

Especificamente no ensino fundamental, existem orientações para o trabalho com as competências de leitura, escrita e oralidade; a literatura de cordel com sua rica tradição oral e escrita, permeia esses eixos, podendo ser integrada ao currículo como uma forma de se explorar fundamentos essenciais para a formação do educando e também, promover a compreensão de diferentes estilos literários.

Os alunos estão constantemente em diversas situações que os exige criticidade e posicionamento, isso implica a necessidade de tomar decisões, defender ideias e manter uma interação concreta entre eles e seus ambientes. Dentro desse prisma, a oralidade ganha destaque como um grande instrumento para autonomia do sujeito diante da sociedade, por isso, é essencial que instituições de ensino integrem de forma efetiva a prática da oralidade no cotidiano dos alunos. É preciso que reconheçam-na como um componente crucial na formação crítica dos estudantes, pois ela não apenas fortalece as competências comunicativas, mas também enriquece a dinâmica educativa e contribui significativamente para uma interação mais eficaz durante o processo de aprendizagem. É válido destacar que o documento visualiza a oralidade como:

O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (BRASIL, 2018, p. 77).

Diante do exposto, é possível depreender que a BNCC expõe amplamente as situações práticas ligadas à linguagem que o eixo da oralidade tangencia. O texto não deixa de destacar habilidades ligadas à forma oral da língua, trazendo uma abordagem da linguagem em contextos reais de uso, colocando o aluno como um protagonista ativo no processo e não apenas um espectador de práticas linguísticas no ambiente escolar. A oralidade não se limita apenas ao diálogo que ocorre em sala de aula; ela abrange muito mais que isso, é crucial que as instituições de ensino

criem oportunidades para explorar a oralidade em suas diversas dimensões. Nesse contexto, a literatura de cordel surge como uma proposta enriquecedora para fomentar a prática da oralidade nas aulas, ainda que ela não seja apenas um gênero oral.

Essa forma literária é rica em elementos que promovem a discursividade e estimulam a interação entre o leitor e o ouvinte. Embora o documento já citado não toque diretamente no trabalho com a literatura de cordel, o fato de prezar que o eixo da oralidade seja trabalhado no ensino fundamental, é uma janela para que os professores possam trabalhá-la em sala de aula. Nesse contexto, a oralidade se revela essencial para a interação com as histórias presentes nos folhetos, pois, conforme afirmam Marinho e Pinheiro (2012), ela auxilia o aluno a captar os ritmos e identificar as variações nos andamentos dos folhetos, permitindo também o ajuste apropriado das entonações. O que sucinta mais de uma leitura oralizada, visto que “diferentes e repetidas leituras em voz alta é que vão tornando o folheto uma experiência para o leitor” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 129).

No contexto educacional, a BNCC para o ensino de língua portuguesa promove metodologias de ensino que se baseiam no uso prático da língua, conectando o aprendizado aos ambientes e experiências reais dos alunos, como é o caso da literatura de cordel. O trabalho com textos literários não se limita a apresentar uma interpretação definitiva ao aluno. Em vez disso, busca promover a comparação de diferentes maneiras de ler e argumentar essas leituras na comunidade de leitores que é a sala de aula, e de forma mais ampla, na escola, conforme Pinheiro (2007).

A riqueza dessa literatura não apenas enriquece a experiência leitora, mas também fortalece a compreensão cultural e a expressão pessoal dos alunos, oferecendo um espaço para a prática e abertura para uma educação literária mais completa. A BNCC ainda ressalta a importância do contato com variadas produções literárias e culturais:

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor (BRASIL, 2018, p. 155).

Nesse ponto, pode-se depreender uma abertura bastante significativa para se trabalhar com a literatura de cordel, embora ela também não apareça explicitamente e sua abordagem sobre o gênero seja insuficiente.

De modo geral, a BNCC, ao definir as competências para ciclos finais do ensino fundamental (6º e 7º ano), enfatiza o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e análise crítica, mas falha em destacar a literatura de cordel como um elemento integral dessa formação.

Embora o currículo aborde de forma geral a literatura brasileira, não há, nesse recorte do documento, uma diretriz específica que promova a inclusão sistemática do cordel. Diante da situação exposta e por se tratar de um gênero que pode enriquecer significativamente a formação literária dos alunos, cabe às instituições de ensino aproveitarem as habilidades que dão abertura para seu trabalho em sala de aula. Integrar a literatura de cordel no ensino fundamental pode enriquecer o aprendizado dos alunos, conectando-os com as tradições culturais brasileiras e diversificando suas experiências literárias.

2.3 O cordel, a sala de aula e o livro didático

A sala de aula pode ser definida como um ambiente capaz de explorar diversas nuances, abrir espaços para exploração de variadas manifestações literárias, culturais e sociais, proporcionando experiências agregadoras aos alunos. Ela é um espaço plural e diverso, onde inúmeras manifestações podem ser exploradas e vivenciadas, trazendo experiências de afetações em variados âmbitos. Não se pode deixar de destacar a sua influência na construção do leitor literário, crítico e autônomo. Pois, se é permitido que os alunos tenham contato com manifestações culturais plurais, eles poderão acrescentar ao seu acervo pessoal, novas experiências geradas pelo contato com o diferente.

A literatura e a arte enquanto ferramenta de interação social e comunicação, desempenham um papel fundamental na transmissão de ensinamentos e conhecimentos dentro de uma comunidade específica. Os leitores são levados a refletir sobre as suas realidades, sobre si mesmos e sobre o outro, à medida que os escritores revelam suas perspectivas sobre a realidade. Desse modo, a literatura e arte acabam por desempenhar um papel crucial ao desafiar o senso comum, trazendo consigo a função de tornar o mundo compreensível e oferecendo aos sujeitos a oportunidade de vivenciarem diferentes experiências. “É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas.” (COSSON, 2014, p. 19).

O ambiente de sala de aula é ideal para o desenvolvimento e aprendizagem de conhecimentos, dentre eles o conhecimento literário, pois, a literatura, conforme abordado por Cosson (2014), ocupa um papel fundamental na educação, oferecendo benefícios profundos para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos. Sua presença na sala de aula vai além de uma simples atividade de leitura; ela é uma ferramenta essencial para potencializar a reflexão crítica e a compreensão intercultural. Segundo o autor, “a literatura proporciona ao aluno a oportunidade

de entrar em contato com diferentes mundos e realidades, o que estimula a empatia e a reflexão crítica” (COSSON, 2014, p.23).

Como já citado, a interação com textos literários também contribui significativamente para o desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos. Isso implica que, ao engajar-se com a literatura, os alunos não apenas absorvem informações, mas também desenvolvem a habilidade de questionar e refletir sobre os temas discutidos. Ela ainda possui um papel crucial na promoção da inclusão da diversidade dentro do ambiente escolar, pois, através da leitura de diferentes obras que refletem diferentes contextos, os discentes desenvolvem uma maior compreensão e aceitação da pluralidade.

Abordando a literatura de modo generalizado, um apontamento bibliográfico construído pelo autor Helder Pinheiro (2022) evidencia que dentre o hábito de leitura entre os jovens, a leitura de poesia encaixa-se entre o terceiro e o sexto lugar, não possuindo grande valorização. Os dados citados pelo autor mostram que há um distanciamento entre o contexto escolar e o texto em prosa. Com base nos dados expostos pelo autor, o incentivo à literatura em sala de aula torna-se uma prática indispensável, pois o trabalho com ela é crucial para a formação literária dos alunos.

Muito se discute sobre quais literaturas têm chegado ao ambiente escolar, quais autores têm sido valorizados, se apenas obras já consagradas como o cânone da literatura têm chegado ao ambiente de ensino. Porém, não é preciso apenas trabalhar-se o cânone, o contato com outras literaturas, as de cunho mais popular, funcionam como um excelente elemento incentivador para uma formação de leitores literários, já que suas temáticas e sua escrita acabam por trazer certo encantamento a quem ler. Sobre esse aspecto, Pinheiro (2013) cita algo de suma importância: “Em princípio, não negamos o cânone, antes, achamos que ele necessita ser ampliado, incluindo em seu corpus, entre outras manifestações, parte significativa da literatura de origem popular” (PINHEIRO, 2013, p.35).

A literatura de cordel pertence a essa gama de literaturas de cunho popular. Ela tem o potencial de ser um grande instrumento educacional, em sua estrutura está intrínseco traços que vêm a ser de grande valia para o crescimento literário dos discentes. Suas histórias ricas de inventividades; seu senso de observação; as criações com várias situações bem-humoradas; o caráter alegórico de alguns folhetos; A beleza avassaladora de muitos dos versos que marcaram a literatura de cordel durante a sua trajetória; Seu alto padrão de inventividades nas situações narradas, a realização de encenações e de jogos dramáticos muito bem posicionados, segurando a atenção do leitor.

A afirmação de Marinho e Pinheiro de que “[é preciso] abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura de cordel, e a literatura popular como um todo, é uma conquista da maior importância” (MARINHO E PINHEIRO, 2012, p. 7), reflete uma visão crucial

sobre a integração da literatura popular no ambiente escolar. Essa integração não é apenas uma questão dos conteúdos literários, mas sim uma oportunidade para o enriquecimento da formação educacional cultural, promovendo uma educação literária mais completa e inclusiva. Sua inserção no espaço da sala de aula oferece:

Experiências culturais fortes e determinantes de grandes obras artísticas como o cordel- seu valor não está apenas nisso- estão praticamente esquecidas e a escola pode ser um espaço de divulgação dessas experiências. Sobretudo mostrando o que nelas há de vivo, de efervescente, como ela vem sobrevivendo e adaptando-se aos novos contextos socioculturais. Como elas têm resistido em meio ao rolo compressor da cultura de massa (MARINHO E PINHEIRO, 2012, p. 128).

A literatura popular tem o potencial de engrandecer as práticas pedagógicas, oferecendo aos discentes novas possibilidades de expressão, já que ela carrega consigo traços “vivos” e “efervescentes” capazes de gerar experiências expressivas e valiosas. A literatura de cordel possui função artística marcante, pois está ligada à ideia de suspensão e encantamento; ela é dinâmica assim como declara Marinho e Pinheiro “O dinamismo da cultura, o poder que tem de se renovar, de recriar velhos e significativos temas é uma das marcas da literatura de cordel.”(MARINHO E PINHEIRO, 2012, p.70).

O cordel também oferece aos estudantes novas formas de expressão e interpretação. As características rítmicas e orais do cordel, por exemplo, podem estimular o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita de modo dinâmico e envolvente. Os alunos têm a chance de se familiarizar com as realidades e experiências de pessoas de origem e contextos distintos e esse contato ajuda na apreciação da pluralidade literária e cultural.

Diante de tantas postulações que colocam a literatura de cordel como uma experiência fomentadora ao corpo discente, por tratar-se de algo que compõe a identidade cultural do Brasil e possui também valor literário inestimável, seu trabalho em sala de aula é crucial e indispensável.

Nas salas de aula para se trabalhar determinados conteúdos, o livro didático ainda tem sido o recurso pedagógico central. Sua importância é especialmente notável em regiões onde os recursos educacionais são limitados, onde muitas vezes ele ainda é posto como protagonista e até único instrumento de ensino disponível no ambiente acadêmico.⁴ Essa centralidade, que em alguns contextos, levanta questões de eficácia e adequação de seu uso exclusivo, considerando que atualmente existe uma ampla quantidade de metodologias didáticas disponíveis, também o transforma num importante instrumento para propagação da literatura de cordel. O livro oferece uma estrutura organizada e sequencial de conteúdo, que pode ser útil para orientar o aprendizado

⁴ Não se discutirá aqui se o uso exclusivo dos livros didáticos pelos professores é o método mais correto, uma vez que os mantêm enrijecidos dentro de um sistema tradicional de ensino, sem explorar abordagens variadas que poderiam enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Isso se aplica também a cenários em que o livro é o único instrumento didático disponível.

dos alunos. Ele fornece um conjunto de informações que os professores podem seguir e adaptar conforme o necessário. Além disso, o manual didático pode garantir que todos os alunos tenham acesso ao mesmo material de forma uniforme em diferentes regiões do país. Dando espaço para que os alunos dessas diferentes regiões tenham acesso às mesmas temáticas e abordagens. A literatura de cordel não se trata de algo relevante apenas para alunos da região do nordeste, por mais que a sua história tenha ganhado mais força na já referida região, ela carrega consigo devida importância para todos os territórios do Brasil.

Mariano e Santos (2019), em suas discussões sobre a literatura de cordel, argumentam que a inserção desse gênero nos livros didáticos é crucial para o reconhecimento e a valorização da cultura popular brasileira. Eles destacam que a literatura de cordel é um reflexo da rica tradição oral e popular do Brasil, e sua presença no livro didático é uma forma de assegurar que essa tradição seja conhecida e apreciada por novas gerações. Eles ainda apontam que a inserção da literatura de cordel no livro didático não apenas enriquece o repertório literário dos alunos, mas também contribui para a construção de uma identidade mais sólida. Ao estudar os textos pertencentes a este gênero, os estudantes têm a oportunidade de se conectar com uma parte importante da literatura brasileira, o que pode vir a fortalecer os vínculos com as manifestações locais.

Estudos que exploram a presença do cordel nos livros didáticos de Língua Portuguesa destacam a relevância de introduzi-lo como um gênero textual no ambiente escolar. Isso se deve ao fato dele contribuir significativamente para o ensino de aspectos relacionados à língua portuguesa, oferecendo inúmeras possibilidades didáticas que favorecem o aprendizado e o aprimoramento da prática de leitura. Dentre a vasta gama de gêneros discursivos e literários existentes, é perceptível que alguns têm maior destaque nos livros em comparação a outros. No âmbito dos gêneros discursivos, certos tipos, como reportagem e notícia, frequentemente ocupam posição proeminente nos manuais didáticos, ao passo que outros, embora mais comuns no cotidiano, são negligenciados. No que tange aos gêneros literários, além da presença constante de alguns, como o conto, nota-se ainda uma prevalência dos cânones da literatura. Como expõe Cardoso(2016):

(...) quem se submeteu à cultura escolar, mesmo que tenha outras preferências de leitura, está inabalavelmente certo de que os grandes escritores da literatura brasileira são: Gregório de Matos, Cláudio Manuel da Costa, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, José de Alencar, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Graciliano Ramos etc. São as obras desses nomes que estão indicadas nos manuais de leitura, nos livros didáticos e nas histórias da literatura usadas nas escolas. A esses nomes chamamos de cânones escolares, porque é a escola, por meio das histórias literárias, sua principal instância de fixação, validação e consolidação (CARDOSO, 2016, p. 18).

O livro é um instrumento de grande relevância, por isso é defendido que se haja uma maior dedicação em suas páginas, à literatura de cunho popular. Não é interessante que apenas obras já

consagradas ocupem espaço em suas folhas, literaturas como a de cordel devem ser trabalhadas. Pois, se o livro for o único instrumento ou o mais utilizado no ambiente educacional, os alunos não perderão por não ter contato com essa manifestação literária popular.

Outro ponto a se destacar é o modo como a literatura de cordel vem sendo trabalhada nesses veículos, pois não é necessário apenas que se mencione ou que se coloque trechos de cordel durante algumas atividades. É preciso repassá-la de modo integral. Sustentando-se no que Marinho e Pinheiro (2012) expõem sobre a literatura de cordel, é crucial examinar cuidadosamente essa incorporação, principalmente para discernir se o folheto é reconhecido como um patrimônio cultural ou simplesmente como um texto adicional para atividades práticas. Os textos literários nem sempre são abordados da maneira correta. Pinheiro (2001) vai afirmar que a abordagem do cordel em sala de aula, em maior recorrência, não se caracteriza por uma apreciação lúdica, mas sim por uma análise gramatical dos poemas recomendados pelos livros didáticos.

Sobre esse mesmo aspecto, Carvalho (2018) vai declarar que “o professor que usa o texto como pretexto para ensinar gramática normativa, pontuação ou crase está prestando um verdadeiro desserviço à educação” (CARVALHO, 2018, p. 166-167). A maneira como os livros didáticos abordam os textos literários, por exemplo, pode ser considerada como simplificada e limitadora. Ensinar dígrafos, a exemplo, e associá-los a textos literários como prática pedagógica é considerado um método desfavorável. Isso não se caracteriza como estudo de literatura, muito menos de literatura oral. Torna-se evidente que há uma necessidade de reavaliar o modo como vem se dando esse ensino na escola, pois, segundo Pinheiro (2018), é fundamental evitar a tendência de impor valores predefinidos sobre a qualidade estética da poesia.

O que frequentemente se observa em diversas situações práticas é que o texto literário, com sua completa complexidade e riqueza expressiva, é muitas vezes tratado e utilizado apenas como um motivo para estudos gramaticais, tipologias textuais ou para a compreensão de habilidades específicas de leitura. Isso resulta num distanciamento do que, de fato, deve-se extrair de literaturas como o cordel. Por tal motivo, é pertinente traçar um panorama do que seria uma abordagem suficiente no ensino de literatura de cordel; Marinho e Pinheiro (2012) abordam com propriedade o assunto. Em muitos de seus escritos, os autores citados, falam quais são os aspectos necessários que devem ser levados em consideração para que se tenha uma abordagem exitosa. Isso, fazendo uso de diversos instrumentos metodológicos, não perdendo de vista os princípios básicos do ensino de literatura e a riqueza do que a literatura popular tem a transmitir. Pinheiro e Lúcio (2001) destacam alguns pontos importantes:

Na sala de aula, é importante que o professor tenha sempre a preocupação em não transformar o folheto em mero relato jornalístico. O que interessa é perceber como o poeta se posiciona diante da história, tendo sempre em vista o caráter ficcional desta

produção. (...) Lampião, assim como outros personagens da história do Brasil (Getúlio Vargas, Padre Cícero, Tancredo Neves, Antônio Conselheiro), desfila pelas páginas dos folhetos, assumindo ora posição de herói, escolhido para resolver as questões sociais, ora a posição de homem comum, com suas fraquezas e incertezas. Resta-nos ler com atenção as histórias que estes personagens inspiram e despertar nos jovens o interesse em saber um pouco mais sobre a nossa cultura, sobre a nossa história (LÚCIO; PINHEIRO, 2001, P. 69-77).

Ao se tratar da temática de abordagem “suficiente e adequada”, não é levado em consideração apenas o modo de aplicação do conteúdo, porém, também é analisado qual conteúdo será dado e de que modo realizar-se-á o seu repasse. A literatura de cordel não é definida como um veículo para se trabalhar temáticas, embora seja muitas vezes utilizada para esse fim. Ela, como qualquer outra literatura, seja de cunho popular ou não, é um instrumento de deleite e reflexão, que possui sua própria bagagem, que merece espaço para o ensino na sala de aula. Marinho e Pinheiro (2012) vão declarar que:

Os poetas têm total liberdade para abordar quaisquer temas, "cordelizar" conteúdos de língua materna, de geografia, de história, de ciências etc., mas considerar esses conteúdos escolares como literatura nos parece muito pouco. Todo leitor ou ouvinte de literatura de folhetos aprendeu a apreciar este gênero a partir de narrativas de aventura, de proezas, de peijas, de notícias cheias de invenção, de brincadeiras, da folia da bicharada, dos ABCs, de abordagens bem-humoradas de diferentes temas e situações. Ninguém aprende a gostar de folhetos decorando regras sobre métricas e rimas. Mesmo os que aprenderam a ler com os folhetos, foram primeiro tocados pela fantasia das narrativas, pelo humor de situações descritas, enfim, pelo viés da gratuidade e não pelo pragmatismo de suas informações (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 12).

A apreciação da literatura como um objeto artístico tem perdido espaço progressivamente nas instituições educacionais, e isso pode ser atribuído a diversos fatores, incluindo a ênfase maior na gramática em detrimento da literatura nas aulas de língua portuguesa e, sobretudo, a visão utilitarista da língua e da literatura. É crucial refletir sobre a escassez de práticas de leitura em aulas de português, nas quais a simples apreciação de um poema pela leitura é uma raridade. Mas, para que a atividade com poemas na sala de aula seja bem-sucedida, também é fundamental que o professor tenha uma ampla bagagem de leitura e seja um leitor experiente e demonstre uma apreciação pela linguagem poética. Sobre isso, Pinheiro vai expor o seguinte pensamento:

Um professor que não seja capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com o ritmo de um determinado poema, dificilmente revelará, na prática, que a poesia vale a pena, que a experiência simbólica condensada naquelas palavras é essencial em sua vida. Sem um mínimo de entusiasmo, dificilmente poderemos sensibilizar nossos alunos para a riqueza semântica da poesia (PINHEIRO, 2018, p. 22).

Embora as considerações do autor supracitado sejam de extrema valia para melhor se trabalhar, e utilizadas para embasar ainda mais a análise seguinte no livro didático proposto, os

educadores não devem contar com soluções prontas. O cordel e outros gêneros literários não possuem apenas uma maneira de serem apresentados aos alunos, não há uma fórmula definitiva. Porém, como existem maneiras despropositadas para o ensino de literatura, em específico a de cordel, autores como Marinho e Pinheiro (2012) propõem algumas orientações para o trabalho com essa literatura. Suas abordagens desafiam alguns dos padrões tradicionais de ensino e abrem novos caminhos para se trabalhar a literatura popular. Por se tratar de dois grandes nomes nesta área, suas pontuações sobre o ensino de literatura de cordel irão respaldar as análises do tipo de abordagem que se propõe para o trabalho destes na sala de aula.

3. O gênero da literatura de cordel no livro didático “Português Linguagens” 7º ano do ensino fundamental

Na análise feita, encontrou-se a presença da literatura de cordel no livro didático “**Português Linguagens**”, de William Cereja e Carolina Dias Vianna (2015). A referida obra foi projetada para o ensino de língua portuguesa no 7º ano do ensino fundamental. A proposta do livro é transmitir uma abordagem integrada e contemporânea, abrangendo aspectos de gramática, análise textual e literatura, de modo articulado e acessível.

A escolha desta obra se deu com o intuito de analisar os elementos ligados à tradição cordelista e o modo como são percorridos, averiguando seu espaço e a maneira que a temática está disposta no livro didático em questão. Na análise, foram investigados os pontos positivos e negativos, concernentes à forma de abordagem da literatura de Cordel. Como também, o modo como os autores trabalham os eixos de leitura, oralidade, escrita e análise linguística (e semiótica) na prática com o referido gênero. Buscou-se ainda examinar se eles destacaram os aspectos importantes e constituintes da literatura de cordel, e se dispuseram pontos que promovem uma boa formação e experiência literária.

Paulo Freire (1970), em uma análise sobre a importância da literatura na formação do pensamento crítico, deixa a ideia de que a educação deve valorizar as múltiplas formas de expressão cultural e estimular a reflexão crítica sobre a realidade social. O cordel, por compor a literatura popular, oferece uma perspectiva crítica e reflexiva sobre questões sociais e políticas, o que proporciona aos discentes o desenvolvimento de uma compreensão mais profunda e diversa da sociedade. Portanto, a presença da literatura de cordel nos manuais didáticos é fundamental, pois proporciona elementos que agregam na formação social do indivíduo e também promove uma amplificação da formação literária. Dito isto, é cabível analisar se o manual didático suscita esses aspectos.

Faz-se relevante observar que apenas a presença da literatura de cordel não garante essa formação aos estudantes. Todos os aspectos e benefícios, citados ao longo de todo escrito, que o contato com ela promove, só são de fato efetivados quando a interação com a literatura acontece de modo integral, possibilitando uma adequada experiência leitora. Mariano e Santos (2019) destacam que é fundamental que o livro didático não apenas inclua a literatura de cordel, mas também contextualize adequadamente, respeitando suas origens e significados culturais. Os autores sublinham os aspectos cruciais na abordagem da literatura de cordel; eles ainda enfatizam que nos manuais didáticos existe a necessidade de uma integração dos conteúdos que vá além da simples inclusão do texto literário. É necessário que essa ferramenta pedagógica (o livro didático) promova uma inserção, dessa literatura, que respeite e reflita seus significados culturais e suas origens. Lúcio e Pinheiro (2001), em suas pontuações também prezam por uma abordagem que reconheça e valorize as especificidades do cordel, com suas tradições orais, formas métricas e temáticas próprias, contextualizando para que os discentes compreendam suas implicações literárias, culturais, históricas e sociais.

Partindo para observação dos aspectos elencados, no livro didático, de início, observa-se que estruturalmente o manual “Português linguagens”⁵, é dividido em quatro unidades, todas elas subdivididas em três capítulos. No terceiro capítulo da segunda unidade, intitulado “cores e dores do sertão”, encontra-se a abertura no exemplar para o trabalho com a literatura de cordel, como consta no sumário, que expõe quais pontos serão abordados sobre a temática. Como pode-se observar na imagem a seguir:

Imagem 1

Capítulo 3 - Cores e dores do sertão	152
▷ As coisas do meu sertão, de Zé Bezerra	153
Estudo do texto	154
Compreensão e interpretação	154
A linguagem do texto	155
Trocando ideias	156
Cruzando linguagens	157
A língua em foco	158
Análise linguística: variação linguística	158
Para escrever com adequação: concordância verbal	164
Produção de texto	170
Cordel: construção e recursos expressivos	170
Agora é a sua vez: cordel	171
Oralidade em foco: declamação de cordel	173

Fonte: Português Linguagens, 2024

⁵ (Anexo 1)

Para iniciar a análise, é basilar a compreensão de que não é possível pautar toda a análise apenas em sua sumarização. Entretanto, o fato do cordel ganhar um espaço, como temática a ser abordado, no sumário, traz um ponto positivo em relação a aparição da literatura de cordel na obra. Pois, entende-se que os textos não estarão dispostos aleatoriamente, apenas como veículo para realização de outras atividades, ele deverá ser alvo de discussões e a centralidade de algumas aulas, o que agrega uma visão inicial positiva em relação a presença da literatura de cordel no manual didático.

A parte introdutória do terceiro capítulo⁶ que traz a literatura de cordel, inicia com uma ínfima contextualização sobre o que é o cordel e sua história, de forma que o aluno é levado a conhecer pouco, ou quase nada, da construção histórica dessa literatura. Tal abordagem não ajuda os discentes a se situar quanto a alguns aspectos do gênero.

Faz-se relevante observar que prezar pela valorização e uma maior exposição histórica de um gênero literário não sugere-se a adequação ao que muitas vezes convencionou-se como ensino de literatura, em que há uma apresentação exaustiva da parte histórica, onde praticamente diminuiu-se o contato e a convivência com os textos, detendo-se apenas a memorização de características históricas marcantes. Porém, é necessário um equilíbrio, a literatura não deve ser apartada de sua história, como mostrou-se na introdução do capítulo. Porém, também não deve-se dar a ela centralidade em detrimento do contato com o texto.

A proposta de ensino presente no livro deve trazer temáticas que se aproximem da realidade dos discentes, como defende Marinho e Pinheiro (2012, p.127): “É sempre bom sondar o “horizonte de expectativa” de nossos leitores. De que gostam? [...] A partir daí, ele poderá partir de uma história que, de um modo ou de outro, possa tocar seus leitores.” A proposta deve trabalhar com a leitura de cordeis, trabalhar a oralidade de modo a fazer com que eles não sejam meros veículos para o trabalho com aspectos gramaticais, retirando a possibilidade de identificação e apreciação da literatura. Dando seguimento, será averiguado se as propostas de ensino elencadas encontram-se no trabalho com os eixos centrais da BNCC: leitura, análise linguística, oralidade e produção textual.

3.1 A leitura

Durante todo o capítulo, existem quinze exposições textuais para estimular a leitura, dentre textos e fragmentos de textos. Entre as quais, pertencente a literatura de cordel apenas três

⁶ Anexo 2

aparições, um com as partes principais⁷: “As coisas do meu Sertão”⁸, e as outras durante os exercícios propostos. Como exposto a seguir:

Imagem 2

Exercícios

Leia a seguir trechos de um poema de cordel de Chiquinho do Além Mar e responda às questões 1 a 3.

Você sabe o que é o cordel?

<p>Cordel é poema cantado, É a forma de expressar O sofrimento do povo Em qualquer canto e lugar É rima, é quadro, é martelo, É cultura popular.</p> <p>[...]</p> <p>Tem que ter sabedoria Para escrever um cordel Tem que ter certo traquejo Com a caneta e o papel Com versos metrificados, Corretamente rimados Se conhece um menestrel.</p>	<p>Pra nossa literatura Ele é fundamental Para o povo brasileiro, Patrimônio Cultural E hoje o maior tesouro Um Bem Imaterial...</p> <p>A cantiga e a semântica, Torna o texto mais bonito Facilita a leitura, Deixando pra trás o mito De que o texto é bom Se for de cunho erudito.</p> <p>[...]</p>
---	--

SANTOS, Francisco Passos (Chiquinho do Além Mar). Disponível em: http://www.lis.edu.br/images/arquivos/Biblioteca/CURSOS_DE_METRIFICA%C3%87%C3%83O-_CORDEL.pdf. Acesso em: 28 mar. 2022.

162

Fonte: Português Linguagens, 2024

O incentivo à leitura deve ser uma questão central no âmbito educacional, Marinho e Pinheiro (2012, p.128) vão afirmar que “Partindo do princípio de que o gosto pode e deve ser educado, é fundamental insistir na leitura [...]”. A fala em questão ressalta a importância do ato de ler, de tal modo que a inserção de textos, como também indicações de boas obras nos manuais didáticos é crucial para a formação dos alunos, a leitura de diferentes tipos de texto proporciona ampliação dos horizontes de conhecimento e experiências.

No capítulo em questão, ao invés de cultivar o mesmo texto, trabalhar a ampliação do repertório traria uma experiência menos massante, pois, com frequência, foi observado o retorno das estrofes do primeiro texto para resolução de questões, mas não houve a aparição de novos escritos. No contexto trabalhado, que é o do lugar da literatura de cordel em sala de aula, para que de fato ela ocupe um lugar de destaque é necessário a adição de mais exemplares. No livro analisado, se houvesse mais cordeis, a apreciação que o contato com o texto traz seria melhor efetuado. A seguir, os exemplos de como o que foi relatado aparece:

⁷. É essencial que exemplares da literatura de cordel estejam presentes nos livros, porém, as limitações de páginas muitas vezes não permitem que essas obras sejam apresentadas de forma integral, o que é compreensível.. Assim é essencial que os docentes busquem alternativas para integrar essas obras no espaço da sala de aula.

⁸ Anexo 3

Figura 3

A LINGUAGEM DO TEXTO

1. Releia este trecho da 2ª estrofe:

-----○-----
 Chegando o mês de janeiro
 Caindo a chuva no chão
Se caminha pro roçado
 -----○-----



No contexto, a palavra **se** atribui um sentido específico para o sujeito ou o agente da ação de caminhar. Quem pratica essa ação?

fonte: Português Linguagens, 2024

figura 4

5. Releia esta estrofe do cordel que você estudou na abertura deste capítulo:

-----○-----
 Mas se não chove aqui
 É grande a desolação
 Morre de fome o gado
 Não se faz plantação
 Todo mundo a correr
 Na cidade vai viver
 Fica triste o meu sertão
 -----○-----



fonte: Português Linguagens, 2024

Durante todo o capítulo, o cordel é bem pouco explorado e não se observa a valorização do contato com a leitura, sobre a importância da leitura é importante destacar que:

De tudo o que a escola pode oferecer de bom aos alunos é a leitura, sem dúvida, o melhor, a grande herança da educação. É o prolongamento da escola da vida, já que a maioria das pessoas, no seu dia a dia, lê muito mais do que escreve. Portanto, deveria se dar prioridade absoluta à leitura no ensino de língua portuguesa, desde a alfabetização. (CAGLIARI, apud NASCIMENTO, 2019, p. 62).

Os autores do livro limitam a experiência leitora, vista como tão importante, do gênero em questão, haja vista que os discentes não chegam a ter contato nem ao menos com dois cordeis completos. A abordagem pode ser considerada superficial e limitadora no que tange o eixo da leitura, pois não explora todo o potencial que o contato com os textos literários trazem. Ao não incluir mais exposições de obras pertencentes à tradição cordelista, tira-se do estudante a oportunidade de familiarizar-se com as características culturais, literárias, estruturas narrativas, métrica e rima da literatura de cordel. A não exposição dos cordeis impossibilita que os alunos compreendam a riqueza e a diversidade temática dessa literatura, que aborda variados assuntos instigantes que despertam a apreciação e o prazer pela leitura. Os autores do manual didático falham

ao não dispor de uma maior variedade de textos para incentivar a prática leitora da literatura de cordel.

3.2 Análise linguística

No eixo da análise linguística, ao analisar o livro, percebe-se que nas vinte e uma páginas do terceiro capítulo, existe a presença predominante de exercícios de fixação. As questões presentes nesses diferentes exercícios trabalham a análise do texto lido, inserem novos assuntos, trabalham as classes gramaticais e etc. Há temáticas que não são trabalhadas por meio de obras, mas são apenas levantadas no meio de alguma questão, como a valorização das manifestações culturais, a exemplo. Por se tratar de um ponto que deve ser alvo de discussões em sala de aula, a presença da temática, mesmo que em um questionário, é um ponto positivo, pois, embora exista uma limitação, já que o assunto aparece de modo tão acanhado, existe uma oportunidade para que o docente proponha a abertura de um debate em sala de aula. Assim como essa, outras temáticas aparecem nos enunciados. A imagem seguinte manifesta uma das aberturas para um possível debate entre os alunos:

Imagem 5

TROCANDO IDEIAS

X Não escreva no livro.

1. O escritor Euclides da Cunha escreveu, em seu livro *Os sertões* (1902): "O sertanejo é, antes de tudo, um forte". Com base no que você leu no cordel, você concorda com o teor dessa frase? Por quê? Exponha suas ideias na sua vez de falar e procure ouvir os colegas com atenção. *Respostas pessoais.*
2. A literatura de cordel é uma manifestação da cultura popular que, do Nordeste, espalhou-se por todo o Brasil. *Respostas pessoais.*
 - a) Se você é da região Nordeste, que outras manifestações culturais existem onde você mora? Qual é sua opinião sobre elas? Costuma participar de algum modo?
 - b) Se você é de outra região do país, quais são as manifestações culturais típicas de sua região? Qual é sua opinião sobre elas? Costuma participar de algum modo?
 - c) Se você conhece manifestações culturais de outra região que não a sua, se possível, compartilhe seu conhecimento com os colegas: De que modo as conheceu? Como se interessou por elas?

Fique

fonte: Português Linguagens, 2024

O ponto de maior destaque nesse eixo, encontra-se no uso dos textos literários como instrumento de resoluções de questões ligadas à gramática. Segundo Lúcio e Pinheiro (2001), essa prática tornou-se comum, embora desproveitosa para o ensino de literatura. Ele defende que nesse ponto não existe uma apreciação lúdica do cordel na sala de aula, mas uma análise gramatical dos poemas sugeridos pelos livros didáticos. Essa prática está diluída também em todo o capítulo

analisado, trazendo um aspecto negativo para a análise. A semiótica, embora apareçam alguns elementos que se inter-relacionam com o texto, também não é muito explorada. A falta de uma maior aparição de uma arte ligada diretamente ao cordel, a xilogravura, é sentida. Embora apareçam imagens com traços característicos do cordel, o quesito imagético deixa a desejar, pois trabalhar com essas manifestações adiciona um aspecto lúdico de acordo com Marinho e Pinheiro:

Outro ponto dentro desse meio é a xilogravura, que pode ser apresentada aos alunos como forma de expressão cultural. que se mostra como uma ferramenta positiva para explorar o imagético dos estudantes, desde que devidamente mediada pelo professor e será ainda mais exitoso se estiver incluída dentro dos assuntos do livro didático. (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 131)

De modo geral, no que diz respeito aos questionários, poderia haver uma maior ênfase na análise crítica dos aspectos sociais e históricos retratados nas narrativas, para se construir uma compreensão mais profunda do impacto cultural e social da literatura de cordel. A análise semiótica mostrou-se limitada, não explorando tanto os aspectos que se inter-relacionaram com os textos. Os autores do livro didático usaram poucos textos ligados à tradição cordelista e os usados, como vê-se nos exercícios, servem apenas para tornar-se pretexto para o ensino de gramática. Com isso, mostra-se uma abordagem com defasagens no que diz respeito ao ensino da literatura de cordel. Onde são deixados de lado a sua riqueza da linguagem, a beleza de suas histórias, seus fundamentos, sua importância no contexto da educação literária e o reconhecimento da cultura existente no país, já que a BNCC assegura que deve-se valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais.

Um ponto que trouxe uma visão positiva durante a análise foi a aparição de indicações de novos autores, ⁹obras diferentes que podem vir a despertar o gosto pela literatura popular e de cordel. Eles aparecem dispostas em “janelas” durante as páginas, como pode-se observar na imagem seguinte:

Imagem 6

⁹ Assim como o livro sugere o contato com obras externas as que eles utilizam nas atividades, os docentes podem fazer uso de artifícios que não foram sugeridos pelos autores, sites como: <http://cordel.casaruibarbosa.gov.br/> são excelentes para agregar nas aulas sobre a literatura de cordel.

conheceu? Como se interessou por elas?



Uma escritora que tem chamado a atenção para sua produção de cordéis é Jarid Arraes, nascida em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), em 1991. Ela é autora de *Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis* (São Paulo: Seguinte, 2020), entre outros títulos. Atualmente vive em São Paulo, onde criou o Clube de Escrita para Mulheres. É possível conhecer pela internet o cordel que Jarid Arraes escreveu para homenagear a escritora Carolina Maria de Jesus. Ele está disponível em: <https://www.ufrgs.br/prapedi/wp-content/uploads/2021/03/Carolina-Maria-de-Jesus.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.

fonte: Português Linguagens, 2024

3.3 A oralidade

No tocante à oralidade, Marinho e Pinheiro (2012, p.20) vão elencar que: [...], com relação ao folheto, a atividade fundamental é mesmo a leitura oral. A oralidade é colocada como ponto indispensável para o trabalho com a literatura de cordel, pois está fortemente vinculada a ela, uma vez que suas origens estão ligadas à tradição oral dos cantadores e repentistas. No capítulo analisado, embora não se tenham muitas obras para a leitura, existe um tópico voltado apenas para o trabalho com a oralidade¹⁰:

Imagem 7:



fonte: Português Linguagens, 2024

O livro aborda essa dimensão incentivando os discentes a realizar leituras em voz alta e a dramatização dos textos de cordel, prática muito relevante para a vivência da oralidade. Esse trabalho com a leitura em voz audível auxilia na percepção do ritmo e das entonações adequadas, proporcionando uma leitura mais expressiva e motivadora para os alunos, estimulando também a sua afetividade. É importante destacar que o professor deve estar ciente da possibilidade de encontrar alunos que não tiveram contato prévio com a literatura de cordel. A prática da leitura em voz alta é explorada na página exposta e também na atividade de culminância¹¹, onde os alunos produzirão seus próprios cordéis e apresentarão suas produções em público, o que traz ao capítulo uma imagem positiva no eixo analisado, já que a BNCC e também os estudiosos que compuseram o

¹⁰ A página completa encontra-se no Anexo 4

¹¹ Anexo 5

corpus da pesquisa, defendem que a oralidade é um ponto indispensável a ser trabalhado no ambiente de sala de aula.

3.4 Produção textual

A produção textual é um eixo essencial no trabalho com a literatura de cordel. Nos pontos sugeridos por Marinho e Pinheiro (2012), para um trabalho exitoso com gênero em sala de aula, o que aborda o eixo da produção textual é alvo de um extenso debate. Eles sugerem diversas abordagens, metodologias, sugestões de como se trabalhar, tudo por se tratar de algo indispensável no ensino dessa literatura. “Explorar a produção textual é importante, segundo os autores supracitados, pois: As vezes, com uma boa motivação, nossos alunos se aventuram e descobrem dimensões escondidas de sua própria personalidade através da criação.” (MARINHO E PINHEIRO, 2012, p.134.)

Já a Base Nacional Comum Curricular, aponta a importância dos alunos estarem ligados a produções artísticas e culturais, a décima competência geral traz que os discentes devem participar de práticas de produção artístico-cultural. A escrita de cordeis adequa-se a esta indicação da BNCC, pois os alunos fazem essas produções.

Encontrou-se em algumas questões pontos que também estimulam a escrita, dentro das atividades que compõem o capítulo, pois pedem a reconstrução de estrofes, a análise por escrito de alguns textos entre outros. Porém, a solicitação da produção textual que ganha maior destaque é a que está no final do capítulo.¹² William Cereja e Carolina Dias Vianna (2015), incentivam os alunos a criarem seus próprios cordeis, proporcionando assim, práticas que envolvem a construção de rimas, a escolha da temática e a estruturação dos versos. Essa abordagem mostra-se bastante eficaz para engajar os alunos e desenvolver suas técnicas de escrita e habilidades criativas.

Imagem 8:



Fonte: Português Linguagens, 2024

¹² Proposta completa no anexo 6

Embora a ideia de uma produção textual seja vista de modo exitoso, a orientação sobre a produção poderia ser melhor orientada, de maneira mais detalhada e com exemplos adicionais, que ajudem os discentes a superar as dificuldades específicas na criação de textos estruturados como os cordeis, já que a falta de conhecimentos práticos detalhados pode limitar os alunos em suas produções textuais. A falta de ludicidade também é um ponto de análise nas propostas de construção textual do capítulo, à medida que não há o uso desse elemento. Marinho e Pinheiro (2012, p.141) vão ressaltar que: É sempre bom lembrar que as atividades de criação em sala de aula devem ter um caráter lúdico, favorecendo a livre expressão do aluno e jamais serem usadas de modo obrigatório ou para fins avaliativos. É importante atentar-se também para a não obrigatoriedade da prática da escrita, os mesmos autores vão defender ainda que é possível assim criar um ambiente agradável de invenção e apreciação no trabalho com a criação literária. Diante do exposto, os autores fazem bem ao trazer a importância da produção textual no livro, porém sente-se a falta de propostas mais lúdicas que entregam mais liberdade e prazer para os discentes.

3. Considerações finais

Diante das reflexões suscitadas através da análise, entende-se que a presença da literatura de cordel no livro didático “Português Linguagens”, de William Cereja e Carolina Dias Vianna (2015), destinado ao 7º ano do Ensino Fundamental, fornece *insights* sobre a maneira como a literatura de cordel é abordada na sala de aula. Importa destacar que, embora o cordel tenha espaço nas páginas do livro, garantindo seu lugar na sala de aula, as abordagens utilizadas apresentam tanto aspectos positivos quanto defasagens que impactam a eficácia da experiência literária dos discentes.

Como aspectos positivos, pode-se elencar a inclusão da literatura de cordel no sumário, abrindo espaço para inserção de variadas manifestações populares, alinhando-se às recomendações da BNCC. A proposta da criação textual, embora tenha apresentado algumas carências e faltado o aprimoramento das orientações (podendo fornecer orientações mais detalhadas e exemplos práticos), também se mostra promissora, promovendo um melhor trabalho com a literatura, o desenvolvimento da escrita e a exploração da criatividade.

De modo geral, ainda que apareçam aspectos positivos entre as abordagens, há diversos pontos que deixaram a desejar, isso usando como base as perspectivas de ensino elencadas por Marinho e Pinheiro (2012). A análise revela que diversas áreas necessitam de aprimoramento. A contextualização histórica da literatura de cordel é limitada. A ausência de uma maior quantidade de obras ligadas à tradição cordelista prejudica o estímulo à leitura. A não aparição de xilogravuras desvaloriza uma importante obra ligada ao cordel. Ainda é notório o uso de algumas produções textuais apenas com o intuito de realizar a resolução de exercícios.

A abordagem do cordel no livro didático, aparece, muitas vezes, como superficial, à medida que, em determinadas ocasiões, só fragmentos do texto são utilizados, o que limita a oportunidade dos alunos de se familiarizar com os aspectos típicos do cordel. A apreciação leitora e a fruição literária se perdem no meio da superficialidade com que se trabalha esse tipo de literatura. Também foi notório que o capítulo carece de elementos lúdicos, que poderiam tornar a apreciação e criação literária mais atraente e prazerosa aos discentes.

A literatura de cordel, como parte pertencente e significativa da cultura popular brasileira, merece uma abordagem mais completa e bem trabalhada nos livros didáticos. A inclusão da temática deve ir além da simples aparição; deve acontecer uma exploração mais profunda e contextualizada do gênero, que permita aos alunos uma experiência educacional mais enriquecedora e significativa. Seguindo o que Marinho e Pinheiro (2012) elencam em seus escritos, sobre o ensino de literatura de cordel, a abordagem do livro analisado evidencia que a obra possui defasagens que precisam ser debatidas e reestruturadas, de modo que pode-se afirmar que ele abre espaço para o trabalho com o cordel em sala de aula, traz pontos ligados às competências da BNCC, porém não o faz de modo suficiente. As abordagens retiram dos alunos o contato efetivo, não estimulam o amplo prazer pela leitura, limitando as experiências que poderiam ser suscitadas. Assim, garantir que os alunos tenham acesso a diferentes formas de literatura, incluindo a literatura popular e o cordel, é essencial para que possam desenvolver uma apreciação ampla e crítica do mundo literário. A escola, portanto, deve assegurar que a literatura seja abordada de maneira a valorizar a diversidade e a riqueza dos textos, promovendo uma educação literária que seja tanto educativa quanto prazerosa (Santos, 2016).

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Rosiene. **Literatura de cordel: uma forma de jornalismo popular**. Brasília, 2017.
- BATISTA, S.N. **Antologia da literatura de cordel**. [S.l.]: Fundação José Augusto, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018
- CÂNDIDO, Antonio. *A literatura e a vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e cultura de 1900 a 1945**. In: *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008, pp. 117-145.

CARDOSO, João Escobar. **Os cânones escolares: formação da historiografia da literatura brasileira (1759-1890)**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2016

CARVALHO, Carlos Alberto de. *Letramento e Educação: O papel da leitura e escrita na formação do aluno*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português Linguagens**. 7. ano do Ensino Fundamental. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015. p. 102-105.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed., 5ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.

COUTINHO, Ângela. LITERATURA NA ESCOLA II CICLO DE DEBATES DO GPEALE. LITERATURA NA ESCOLA: A ARTE DA PALAVRA NA POÉTICA DA AULA. 2018. (Seminário).

DIÉGUES JÚNIOR, M. Características dos ciclos temáticos. **Literatura popular em verso: estudos**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, tomo I.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

Haurélio, marco, 1974- **Breve história da Literatura de Cordel**/Marco Haurélio. -3 ed.-São Paulo: Claridade, 2015. 120 p. :il.-(saber de tudo)

LÚCIO, Ana C. M.; PINHEIRO, Hélder **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Livraria duas cidades, 2001.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**: São Paulo: Cortex, 2012.

MARIANO, Márcia Regina Curado Pereira; DOS SANTOS, Francisca Amanda. O LUGAR DO CORDEL NO LIVRO DIDÁTICO: REFLEXÕES E ANÁLISE. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 31, n. 1, p. 59–72, 2019.

NASCIMENTO, Jairo C. do. **A literatura de cordel no ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas**. In: ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2005, Londrina. p. 1–8.

NASCIMENTO, Gilles Villeneuve Souza **Letramento literário e cordel: um novo olhar para o ensino de literatura** / Gilles Villeneuve Souza Nascimento. – Recife, 2019.

PARAFRASEANDO. Helder Pinheiro: O QUE É O CORDEL? | Parafraseando #02 - Temporada 2. YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3Gt6wI4YqAY>

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007

PINHEIRO, M. P.. Letramento literário na escola: um estudo das práticas de leitura literária na formação da comunidade de leitores. 2006. Teses (Doutorado em Educação) - UFMG.

PINHEIRO, Hélder. **O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino**. In: DALVI, Maria Amélia, REZENDE, Neide Luzia de, JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013

PINHEIRO, Hélder. **Literatura popular e ensino: leituras, atitudes e procedimentos**. in: SILVA, Maria Valdênia da; NETO, Leocádio Araújo Araújo; PEREIRA, Jaquelânia Aristides; PINHEIRO, Hélder. (Orgs). *Leitura e formação de leitores*. Campina Grande: Bagagem, 2008.

R. C. Bogdan e S. K. Biklen, **“Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos”**. Lisboa: Porto Editora, 1994.

SANTOS, Claudia J. do. M. **A literatura popular na sala de aula: uma proposta para o ensino de leitura literária**. 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2016.

ANEXOS:

ANEXO 1- Capa do livro Português Linguagens



ANEXO 2- Parte introdutória do capítulo 3, II Unidade, do livro Português Linguagens

Você já leu um poema ou ouviu falar em **literatura de cordel**? O cordel é um estilo de poesia muito popular no Brasil. Os poemas dessa natureza geralmente são impressos em folhetos, que são pendurados em cordéis (cordas finas) ou barbantes – daí seu nome.

O cordel teve origem em Portugal e, chegando ao Brasil, espalhou-se pelo Nordeste brasileiro, onde ganhou características próprias, e, então, acabou conhecido em todo o país. Como forma de mostrar seu trabalho e atrair o público para comprar os folhetos, os autores costumam declamar seus versos de forma melodiosa e cadenciada, com acompanhamento de viola. Por isso é uma arte literária em que o ritmo e a musicalidade são fundamentais.

A seguir, leia um poema de cordel.



ANEXO 3- Cordel completo do livro Português Linguagens

As coisas do meu sertão

Já falei de saudade
Tristeza e ingratidão
De amor e de prazer
E **cantei** de emoção
Quero agora cantar
E também quero falar
Das coisas do meu sertão

Chegando o mês de janeiro
Caindo a chuva no chão
Se caminha pro roçado
Se começa a plantação
A terra estando molhada
Canta alegre a passarada
Nas quebradas do sertão

Mas se não chove aqui
É grande a desolação
Morre de fome o gado
Não se faz a plantação
Todo mundo a correr
Na cidade vai viver
Fica triste o meu sertão

Quando chega a **invernada**
Se renova o meu sertão
No curral se põe o gado
Se faz queijo e requeijão
Tem muito leite e coalhada
Tem festa de **vaquejada**
Nas quebradas do sertão

Quando a seca é pesada
É triste a situação
Pra todo lado se corre
Só se vê lamentação
A terra fica rachada
Só tem casa abandonada
Fica triste o meu sertão

Mas quando chega a chuva
Se alegra todo sertão
Canta alegre o sabiá
Ciscando as folhas no chão
Dá comida ao filhote
Gritam também os **coiotes**
Nas quebradas do sertão

[...]

A seca seca o riacho
Olho d'água e **grotão**
Tudo se torna difícil
Só se vê o poeirão
Carniça pra todo lado
Morrendo de sede o gado
Como é triste o meu sertão

Quando Deus ouve as preces
Manda chuva pro sertão
O caboclo planta de tudo
Milho, arroz e feijão.
Mandioca e melancia.
Tudo, tudo é alegria.
Nas quebradas do sertão.

ZÉ BEZERRA, o Água de Prata. *Recanto das Letras*, 22 jun. 2007. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/635894>. Acesso em: 5 abr. 2022.

cantar: expressar-se vocalmente; celebrar em verso e prosa; emitir um canto poético.
coiote: espécie da família dos canídeos.
grotão: depressão grande no solo.
invernada: período de chuvas prolongadas e contínuas das regiões Norte e Nordeste do Brasil.
vaquejada: espécie de torneio no qual os vaqueiros demonstram suas habilidades na derrubada de novilhos.



Anexo 4- Página que trabalha a oralidade do livro Português Linguagens

ORALIDADE EM FOCO

► DECLAMAÇÃO DE CORDEL

Como os cordéis estão diretamente relacionados à oralidade, a melhor forma de avaliar se um cordel atingiu plenamente o seu objetivo é verificar se envolve o leitor, se prende sua atenção, se o emociona, se promove reflexões, etc. Por isso, troquem ideias com o professor e os colegas sobre como apresentar para a turma a declamação dos cordéis. Sugestões:

- O declamador poderá ler o texto, mas, à medida que o for memorizando, a declamação soará mais natural e espontânea.
- O declamador deve falar os versos de modo claro, com boa altura de voz e boa dicção, dando a entonação mais adequada a cada verso, de acordo com seu conteúdo.
- As rimas e o ritmo devem ser valorizados, enfatizando as sílabas mais fortes e a última sílaba tônica de cada verso.
- Maior ou menor velocidade na declamação pode ser intencional. A pontuação deve ser valorizada, respeitando as pausas e fazendo com que o silêncio proposital ou a suspensão da voz também produzam sentidos.
- Se introduzirem gestos com as mãos, busquem uma expressão natural. Os gestos devem apenas reforçar o conteúdo dos versos e nunca ser a atração principal.
- Se quiserem, introduzam um fundo musical para a declamação, gravado ou tocado ao vivo.



Combinem com o professor a data da apresentação da declamação para a turma e ensaiem algumas vezes antes do dia. Se possível, filmem as apresentações.

Ao final das apresentações dos trabalhos, a classe deve avaliar os trabalhos, levando em conta alguns critérios, como os expostos a seguir.

- O cordel é de fácil compreensão?
- A declamação do texto foi adequada quanto à dicção, altura de voz, entonação, velocidade, pausas, gestos?
- O cordel apresenta uma estrutura envolvente de rimas, ritmo e métrica?
- Caso tenham sido utilizados recursos sonoros, eles contribuíram para prender a atenção do ouvinte, causar emoção, etc?
- Com quais das leituras a turma ficou mais envolvida? Por que isso aconteceu?



Anexo 5- proposta de atividade de culminância do livro Português Linguagens

AGORA É A SUA VEZ

► CORDEL

Ao final desta unidade, em **Intervalo**, você e os colegas vão participar da mostra **Viva a poesia viva!**, na qual vão fazer um lançamento de livro de poesia, uma apresentação ao vivo de declamações de poesia – de cordel ou não –, além de uma exibição de videopoemas. Neste capítulo, você vai dar continuidade à produção desse material, produzindo poemas de cordel.

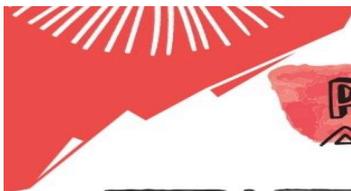
Tanto o cordel “As coisas do meu sertão”, que você leu no início deste capítulo, quanto o cordel “Aprendendo a cordelisar” abordam o tema do espaço em que vivemos.

Como é o espaço em que você vive? Ele apresenta coisas boas e ruins, como a maioria dos lugares, ou ele é “o melhor lugar do mundo”, como diz o cordelista Chico Salles?

Prepare-se para produzir você também o seu poema de cordel a partir de um destes temas, extraídos dos textos lidos: “O meu lugar” ou “O melhor lugar do mundo”.

171

Anexo 6- proposta de produção textual do livro Português Linguagens



PRODUÇÃO

de texto

CORDEL:
CONSTRUÇÃO E RECURSOS EXPRESSIVOS



1. O poema de cordel geralmente é organizado em estrofes, que podem ter quatro, seis, sete ou dez versos cada uma. A mais comum é a estrofe de seis versos.
 - a) Quantas estrofes há no trecho lido do cordel “As coisas do meu sertão”?
 - b) Qual é o número de versos em cada estrofe?

2. O poema de cordel sempre apresenta rimas, que podem variar quanto à disposição. Qual é a disposição das rimas no trecho do poema lido?

3. A maioria dos poemas de cordel faz uso da métrica que foi utilizada no poema em estudo. Com o apoio do professor, faça a escansão dos versos da 2ª estrofe do poema e responda: Qual é a métrica utilizada?

4. O ritmo dos versos com essa métrica pode variar bastante, inclusive no interior do mesmo poema. As sílabas acentuadas – as mais fortes de cada verso – podem ser as seguintes:

• 2, 4, 7
• 2, 5, 7
• 3, 5, 7
• 4, 7
• 3, 7

Fale em voz alta os versos da segunda estrofe do poema e, com o auxílio do professor e da turma, identifique as sílabas mais fortes de cada verso e conclua se eles seguem algum esquema de ritmo.

5. Como já foi dito, os poemas de cordel podem sofrer variações quanto ao número de versos e quanto às rimas. Observe estes versos do cordelista Chico Salles:

Aprendendo a cordelisar:

Métrica em sextilhas obedecendo
o critério obrigatório das rimas:

O melhor lugar do mundo
É o Rio de Janeiro
Tem verão, tem carnaval
E futebol o ano inteiro
Seu lugar na minha vida
Será sempre o primeiro

O melhor lugar do mundo
É o Rio Grande do Norte
Tem verão, tem carnaval
É futebol como suporte
Seu lugar na minha vida
Será sempre muito forte.

SALLES, Chico. *Cordelinho*. Rio de Janeiro: Rovelle, 2008. p. 2.



No início do poema, o poeta ensina como fazer cordel.

- a) Segundo a voz que se expressa no cordel, quais são os estados amados por ela? Há semelhanças entre eles? Explique.
- b) Conte o número de versos por estrofe. Deduza: O que são sextilhas?


170

Planejamento do texto

- Pense na estrutura que pretende desenvolver no cordel: Ele será construído com quantos versos em cada estrofe?
- Como vai ser o esquema de rimas?
- Os versos vão ter um esquema fixo de ritmo ou o ritmo vai ser variável?
- Quantas estrofes haverá ao todo no poema?
- Do que pretende tratar em cada estrofe?

Escrita

- Escreva seu cordel organizando-o em versos e em estrofes.
- Fique atento ao esquema de rimas escolhido. As rimas poderão ajudar a orientar a seleção e a ordem das palavras.
- Tente dar ritmo ao cordel, tornando-o agradável aos ouvidos.
- Procure empregar outros recursos de construção de poemas que você conhece, como figuras de linguagem (comparações, metáforas, antíteses, aliterações, etc.), palavras, expressões e frases em sentido figurado, ou seja, com mais de um sentido, etc.
- Não há necessidade de escrever um número grande de estrofes, mas procure caprichar ao máximo em cada uma delas.
- Dê um título atraente e significativo ao cordel.

Revisão e reescrita

Antes de fazer a versão final do seu cordel, releia-o, observando:

- se ele está organizado em versos e estrofes;
- se o conteúdo está bem dividido entre as estrofes;
- se apresenta um único esquema de rimas, que é mantido em todas as estrofes, ou se esse esquema é mais variável;
- se apresenta um ritmo bem-marcado e agradável de ouvir;
- se a métrica está de acordo com o planejado;
- se há outros recursos poéticos que enriquecem o texto, como figuras de linguagem e multiplicidade de sentidos;
- se ele representa suas ideias e sentimentos em relação ao "seu lugar";
- se o título é atraente.

Depois que concluir a revisão do seu cordel, passe-o a limpo e, se quiser, ilustre-o. Guarde-o para a montagem do livro de poemas que será produzido para a mostra **Viva a poesia viva!**

Intervalo

Viva a poesia viva!

- Guarde a versão final de seu texto para publicá-la na apresentação de cordéis a ser organizada com a turma e compartilhada no evento **Viva a poesia viva!**, organizado em **Intervalo**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, rendo graças ao meu Senhor Jesus, a quem dedico toda honra e glória por cada conquista em minha vida. Sua graça, bondade e misericórdia têm sustentado cada passo dessa jornada, e confio que continuarão a guiar meu caminho.

Expresso minha profunda gratidão ao amor da minha vida, meu esposo, Halison, cujo apoio e incentivo foram essenciais em cada etapa. Sua presença foi um alicerce constante, e por isso, sou eternamente grata.

Aos meus pais, a quem devo não apenas a realização deste sonho, mas todos os outros que me trouxeram até aqui, deixo meu amor incondicional e gratidão eterna. Aos meus irmãos, Dornelles, Rute e Davi, agradeço pelo constante apoio e confiança depositada em mim.

Às minhas queridas amigas Geovana, que sempre esteve presente, que sempre acreditou no meu potencial e nunca mediu esforços para me apoiar e torcer pelo meu sucesso, e Adilma, cuja presença em minha jornada acadêmica foi, sem dúvida, um presente divino. Sua companhia trouxe leveza e cor aos dias mais desafiadores, e sem ela, esse processo teria sido muito mais árduo.

Por fim, um agradecimento especial ao professor Flaviano Maciel, meu orientador, cuja paciência, competência e dedicação foram indispensáveis para a conclusão deste trabalho. Seu cuidado e dedicação à docência servem como inspiração para minha própria caminhada profissional.